

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Outubro 2014 – Nº 262

O golfe e seus mistérios

Beno Lucki

Disponível em <<http://pichost.me/1653126/>>



Atribui-se aos escoceses a invenção do golfe no final do século XV. A palavra golfe vem do holandês *kolf*, que significa taco ou bastão. Os holandeses, desde o século XIII, já praticavam um jogo em lagos congelados em que utilizavam um taco feito de madeira curvada e uma bola de

couro, impelindo-a entre duas marcas predeterminadas. Ganhava quem desse o menor número de tacadas.

Naquela época, os holandeses e escoceses eram parceiros comerciais, e não tardou para que o jogo chegasse à Escócia, onde sofreu as devidas modificações para adaptar-se

aos vales e planícies locais e tendo também estabelecidas regras específicas. Desde aquela época, o golfe é jogado num campo com 9 ou 18 buracos (*holes*), separados por distâncias que variam de 200 a 500 metros em geral, e ganha o jogador que colocar a bola de golfe nos buracos com o menor número de tacadas em relação aos seus oponentes.

O golfe é disputado ao ar livre, em campos dotados de belos projetos paisagísticos, alguns espetaculares, projetados por arquitetos, muito deles assessorados por ex-jogadores de golfe de fama mundial, e é um dos esportes que mais cresce, em especial nos Estados Unidos, onde se estima haver 35 milhões de praticantes.

A oportunidade de viajar, conhecer novos campos e pessoas e interagir esportivamente num ambiente muito agradável e, muitas vezes, o estabelecimento de contatos profissionais fazem do golfe, além de estiloso, uma atividade única entre os demais esportes.

O golfe amador não demanda uma condição física especial, não é extenuante e pode ser praticado até a idade mais avançada. Os golfistas, num campo oficial (18 buracos), caminham em média 7 a 8 km, demorando em média 3 a 4 horas, podem fazer intervalos durante o jogo — até refeições — e depois retornar.

Para praticá-lo no Brasil, os jogadores utilizam um conjunto de 10 a 12 tacos de golfe, de marcas estrangeiras (não há fabricantes nacionais). O vestuário pode ser o usual: calça ou bermuda, camisa (em geral, estilo polo) e sapatos ou tênis adaptados à grama (alguns têm pequenas travas nas solas para evitar escorregões).

Há um conjunto de regras e condutas bem definidas cobrindo a ampla variedade de situações que ocorrem durante um jogo. Acima de tudo, o golfe é um jogo em que a ética tem um papel importantíssimo. Não se admitem trapaças ou comportamentos inadequados dentro e fora do campo.

Mas o que torna o golfe um jogo difícil de praticar? Existe, é claro, uma miríade de desafios que os jogadores têm de enfrentar, devido às grandes distâncias envolvidas e aos obstáculos naturais encontrados no campo, como árvores, aclives e declives, bancos de areia, pedras etc. Qual o principal mistério por trás disso?

Curiosamente, o golfe é o único esporte praticado com a bola imóvel, estática, parada! O que aparentemente seria uma vantagem — a bola parada —, na verdade, torna-se sua principal dificuldade. Ao contrário de outros esportes que se utilizam do movimento das bolas, como o futebol e o basquete, o aprendizado do golfe não é instintivo, reque-

rendo do jogador uma abordagem completamente diferente. Os movimentos originais involuntários e adaptativos, do tipo ação e reação, presentes em outros esportes, estão ausentes no golfe. Ou melhor, estão escondidos em nós, como um mistério a ser revelado.

A maioria das pessoas iniciantes no golfe pressupõe que, ao ver uma bola parada em cima de um campo gramado, se bater nela com força com um taco de golfe, da mesma maneira que se usasse uma marreta, a bola percorrerá uma grande distância. Terrível engano causado pela matriz cerebral ancestral, selvagem, que nos diz: quanto maior a força empregada, melhor o resultado! Naquela fração de segundo antes do impacto, guiado por instintos primitivos, nosso cérebro superior (neocórtex) ignora os princípios basilares da mecânica (lei das alavancas de Arquimedes) que regem nosso corpo no mundo físico. O resultado é puro desastre.

Não é por acaso que o movimento central que o jogador de golfe deve executar, usando um taco para “bater” na bolinha, recebeu o nome de *swing*, palavra usada mundialmente para se referir ao golfe. No português, a palavra *swing* é traduzida como balanço, oscilação, ritmo ou pêndulo.

O movimento voluntário de balanço, pendular, imprime uma trajetória em arco do taco, o que simula a bola em movimento e obriga nosso sistema neurofisiológico a mobilizar nosso corpo para executar todas as etapas do *swing*, observando-se os princípios de ação e reação (visão periférica, antecipação, mudanças no nosso centro de gravidade, alteração da angulação e equilíbrio corporal) e ativando os sistemas musculoesqueléticos de alavancagem.

O aprendizado e aperfeiçoamento contínuo desta técnica nos ensinam como acionar conscientemente esses mecanismos, que, repetidos e automatizados pela nossa “memória muscular”, propiciam a maneira certa de mover a bola de golfe, lançando-a a distâncias superiores a 300 metros. A energia cinética gerada pelo movimento do *swing* é transferida do taco para a bola, rítmica e sequencialmente, resultando numa boa tacada.

Swing, don't hit.

Recursos eletrônicos no futebol

Antonio Carlos Gomes da Silva

Vimos, nesta Copa do Mundo realizada no Brasil, a importância do recurso eletrônico na definição de um gol. Segundo informaram, quando a bola cruzar a linha, haverá o concomitante aviso sonoro ao árbitro. Este recurso é válido e muito bem-vindo, pois uma das características do jogo de futebol é a decisão imediata do árbitro, mas requer parafernália eletrônica só factível em um evento dessas proporções. Valeria a pena o dispêndio de uma enorme quantia para equipar centenas de estádios mundo a fora a fim de dirimir a dúvida se a bola entrou ou não, **uma vez em centenas de jogos?**

Nesta Copa de 2014, em 64 jogos, só em uma partida a eletrônica poderia ter sido útil: no jogo França 3 x Honduras 0. Poderia porque, aparentemente, o árbitro já teria assinalado o gol, dispensando o recurso eletrônico.

Nos campeonatos disputados no Brasil, além dos dois bandeirinhas e do árbitro substituto, participam mais dois auxiliares do árbitro, postados ao lado de cada uma das metas para confirmar um gol duvidoso, caso a bola ultrapasse totalmente a linha do gol, e auxiliar o árbitro ao interpretar infrações às regras do jogo. Portanto, uma função interpretativa de que a eletrônica não dispõe.

O futebol é um jogo **dinâmico** que não admite delongas, muito diferente do basquetebol, em que o recurso eletrônico não é usado, mas tem regras que interrompem o jogo, tais como: 1 — saída da bola do campo de jogo, que só retorna após passar pelas mãos dos árbitros; 2 — pedidos de tempo; do tênis, que é segmentado; e do futebol americano, muito truncado, prolongando uma partida por horas. O espectador sai do seu lugar inúmeras vezes para se alimentar, para suas necessidades fisiológicas ou outras.

Talvez fosse útil na marcação de impedimentos, desde que se dispusesse de câmaras de televisão que acompanhassem a linha de ataque, isto é, na linha do mais avançado atacante. Seria possível? Assim, dispensaríamos, em princípio, os bandeirinhas, mas nos lances interpretativos, como mão na bola ou bola na mão ou nos choques entre

jogadores adversários, o árbitro ficaria órfão de seus auxiliares?

Poderiam ser evitadas injustiças, como as ocorridas no jogo Nigéria 1 x Bósnia 0, partida em que, sem os erros de arbitragem (anulação de um gol legítimo da Bósnia por impedimento inexistente e validação do gol de Nigéria após falta do atacante), talvez o placar fosse invertido, com vitória da Bósnia. São erros próprios da natureza humana, embora raros por prejudicarem a mesma equipe em dois lances capitais.

Não vejo, por ora, como poderia ser útil, quer num impedimento, quer numa interpretação de uma falta ou de um pênalti, já que esses lances exigiriam consultas aos recursos eletrônicos, retardando este dinâmico jogo. Com frequência, constatamos comentaristas confortavelmente instalados, depois de serenadas as emoções e tendo à disposição inúmeras repetições do mesmo lance, discordarem. Imaginem isso no calor da disputa e com interferência no andamento da partida.

Tenho ainda a convicção de que estas situações controversas ajudam a manter — ou até mesmo a aumentar — a popularidade do futebol, pois alimentam as paixões que o fazem tão difundido pelo mundo, realimentado pelas discussões nos estúdios de televisão, nos lares e nos bares. Assim como na sociedade, na qual só os fatos polêmicos a mobilizam, no futebol as situações dúbias são as que o tornam cada vez mais popular.

Em resumo, todo recurso que possa informar imediatamente ao árbitro qualquer irregularidade, sem retardar o jogo, só pode ser bem-vindo, pois o dinamismo da disputa é o fundamento do futebol. Assim, diminuiriam as injustiças, escopo de uma sociedade esclarecida e ética, mas, possivelmente, refreariam-se as paixões que mantêm o futebol popular.

Antonio Carlos Gomes da Silva

Membro da Academia de Medicina de São Paulo

Decadência da Psiquiatria — 8

O caso Cadu

Guido Arturo Palomba

Carlos Eduardo Sundfeld Nunes, conhecido como Cadu, assassinou o cartunista Glauco e seu filho. No processo-crime, foi instaurado incidente de insanidade mental; após ser examinado por psiquiatras forenses, emitiu-se o diagnóstico de esquizofrenia paranoide, bem como que o réu agiu em momento de delírio e alucinação. Cadu pensava que Glauco era Deus, ouvia vozes, sentia-se perseguido, visivelmente transtornado, agitado e muito agressivo.

Em outras palavras, estava louco, sofria de esquizofrenia paranoide, fato que implicou inimizabilidade penal, ou seja, o crime não lhe pode ser penalmente atribuído (imputado) por ser doente mental. Isso significa que não se trata de criminoso comum, mas, sim, de um doente mental criminoso. Consequentemente, a lei o absolveu do crime.

Quando isso ocorre, o juiz não aplica pena corporal (detenção), justamente porque foi absolvido do crime, mas decreta medida de segurança consistente em internação em manicômio judiciário, hoje chamado casa de custódia e tratamento psiquiátrico, pelo prazo maior que a lei comina: três anos.

Porém, *e isso é de fundamental importância*, existe diferença imensa entre pena corporal (no caso do criminoso comum) e medida de segurança (no caso do doente criminoso): quando termina a pena corporal, o sentenciado é posto em liberdade, ou seja: se foi apenado com 20 anos (claro que há inúmeras reduções, benesses etc.), encerrado o prazo, vai para a rua. Já no que diz respeito à medida de segurança, somente é colocado em liberdade se a periculosidade cessar.

Isso quer dizer que, depois dos iniciais três

anos de medida de segurança detentiva, somente ganha a liberdade aquele que não mais apresentar perigo à sociedade, avaliação a ser feita por psiquiatras forenses. Do contrário, permanece internado. Decorrido mais um ano, novo exame: se apresentar periculosidade, permanece outro ano internado, e assim por diante. Tal fato pode, *e deve*, em certos casos, durar muitas décadas de internação, pois indivíduos como Cadu apresentam periculosidade permanente, a qual somente cessa quando, após muitos anos, a doença evolui para a demência, isto é, quando atinge o seu estado terminal, ocasião em que já não tem mais capacidade de articular crime algum. Dito de outra forma: continua doente mental grave, porém sem periculosidade.

No caso de Cadu e seu novo crime, o primeiro erro foi a improvisação de psiquiatras despreparados para avaliarem a sua periculosidade. Disseram que ela tinha diminuído e propuseram tratamento ambulatorial. A argumentação utilizada foi que seu quadro psiquiátrico era estável, mantinha bom comportamento no local no qual estava internado e, portanto, não havia justificativa clínica para continuar o tratamento sob regime de internação. Recomendaram (os psiquiatras forenses improvisados) alta hospitalar e tratamento ambulatorial.

O segundo problema foi jurídico, pois a juíza que recebeu o laudo atestando que a periculosidade era mínima, simplesmente o aceitou, quando poderia tê-lo rejeitado, no todo ou em parte, conforme o art. 182 do Código de Processo Penal. Rejeitá-lo seria uma questão de cautela e de bom senso,

Disponível em <<http://culturalectiva.com/tu-ciudad-en-punctum/>>



sobretudo considerando o pouco tempo decorrido entre o delito e a liberdade, em face da gravidade da doença e da violência do crime.

A questão agora é: que fazer diante desse novo crime? Resposta: novamente instaurar incidente de insanidade mental, dar o réu como inimputável, decretar medida de segurança detentiva e ansiar que, no final do tempo mínimo inicial (três anos), não seja novamente avaliado por pessoas despreparadas, que não sabem o bê-á-bá da psiquiatria forense: esquizofrênicos paranoides jovens, que cometem crimes graves contra a vida, em decorrência de alucinações e delírios abundantes, bem como sem capacidade de avaliar a gravidade do que fizeram — mesmo que estejam fora do surto agudo, a gozar período de acalmia da doença ou controlados por remédios —, são potencialmente perigosos à sociedade. Bastam uma pequena modificação das circunstâncias pessoais, algumas noites maldormidas, estresse, uns goles de álcool, alimentação precária, um dia sem tomar remédio, uma contrariedade qualquer, para que tudo se deforme novamente. Infelizmente, essa regra não foi observada.

Em outras palavras, esqueceram-se do prognóstico e basearam-se somente no quadro clínico a um palmo da vista. É um exemplo da decadência nesta área da psiquiatria.

Deusa da Mantiqueira

Queimada pelo sol da Mantiqueira
de pele morena e trigueira,
com olhar ainda extasiado
que a fúria do amor fizera esgazeado.

Eu me lembro, ao se despir pela vez primeira,
Meu coração acelerado, em taquicardia,
E quando nua estavas na soleira,
Nos beijamos e nos amamos em sintonia

Depois... Exaustos e cansados
Dos afagos e carinhos trocados,
Despertamos. Juntos desejamos

O mundo parar e não seguir
Pois amor tão puro e tão profundo
Não pode nunca, jamais, se extinguir.

Luiz Roberto da Silva Lacaz

Analogias em Medicina (n. 34)

Talharim Intrometido. As tênias — parasitas intestinais do filo *Platyhelminthes* — acometem grande número de seres humanos em pleno século XXI. As principais espécies são a *Taenia solium*, denominada verme em fita do porco (Ingl. *pork tapeworm*) e a *Taenia saginata*, verme em fita do boi (Ingl. *beef tapeworm*). A etimologia do vocábulo *Taenia* é do grego, significando tira ou fita. Estima-se que existam, no mundo, cerca de 2,5 milhões de pessoas acometidas pela *T. solium* e 77 milhões pela *T. saginata*, incluindo 32 milhões na África. São vermes grandes, achatados, em forma de fita e segmentados. A cor é geralmente branca, de aspecto leitoso, às vezes rósea ou levemente amarelada devido a substâncias diversas absorvidas pelo parasito. A *T. solium* mede 2 a 4 metros de comprimento, mas pode atingir 8 metros. A *T. saginata*, mais avantajada, de 4 a 14 metros e, em casos extremos, 25 metros. Podem viver de 25 a 30 anos.

Quando adultas, são constituídas de um pedúnculo fixador (rostro, cabeça ou escólex) e de um corpo em fita, composto por uma cadeia de segmentos denominados proglotes ou anéis. A *T. solium* é também chamada de tênia armada (Ingl. *armed tapeworm*), pois contém dupla coroa de ganchos (espinhos ou acúleos) no rostro. A *T. saginata* é dita desarmada por não possuir acúleos (Ingl. *hookless or unarmed tapeworm*). Em geral, talvez por algum fator imunológico, o indivíduo é parasitado apenas por um espécime, explicando o termo “solitária”. Contudo, a infecção múltipla pode ocorrer. O vocábulo significa ainda a cela penitenciária onde é isolado um detento rebelde ou violento, como castigo ou medida de precaução (Dicionário Houaiss da língua portuguesa).

Um professor de parasitologia levou uma tênia para demonstração em sala de aula. Imediatamente, uma aluna disse: — Parece talharim. De fato, a comparação do aspecto das tênias com o macarrão talharim — massa alimentícia feita de farinha de trigo e ovos, cortado em longas tiras delgadas e achatadas — tem valor didático e é citada em várias fontes educacionais. Minha esposa Zaíra, em oportuna e feliz inspiração, criou o título acima: **talharim intrometido**, pois o parasito tênia é *persona non grata* no intestino e jamais bem-vindo pelo seu hospedeiro definitivo, que, infelizmente, é o ser humano.

O professor apontou ainda as larvas do verme, isto é, os cisticercos, na carne crua e disse: — Essa bolinha branca contendo líquido claro é chamada popularmente de canjiquinha, pipoquinha, ladraria ou sapinho. Se vocês virem isso na carne, não comam!

A aluna: — Professor, e se eu fritar a canjiquinha? — Bem, nesse caso, você liquida o bichinho, transformando-o em diminuto e inofensivo torresmo.

A infecção dos indivíduos é reconhecida pela eliminação quase cotidiana de proglotes de mistura com as fezes (*T. solium*) ou entre as evacuações (*T. saginata*). Aliás, o próprio paciente relata ter notado nas suas fezes “pedaços de fita achatados”. A infecção pela *T. solium* resulta da ingestão de carne de porco crua ou mal cozida, contendo cisticercos e a da *T. saginata* do consumo de carne de boi crua ou mal cozida, também com cisticercos.

A teníase é, geralmente, assintomática. Quando sintomática, as manifestações clínicas são semelhantes em ambos os vermes e podem incluir tonturas, fraqueza, insônia, cefaleia, vômitos, distensão abdominal, diarreia, perda de peso e dores abdominais. Raramente ocorrem obstrução intestinal, apendicite e perfuração intestinal com peritonite. Em crianças, pode causar retardo no crescimento e no desenvolvimento. O prognóstico na *T. solium* pode ser grave, ou muito grave, devido à possibilidade de ocorrer cisticercose ocular e do sistema nervoso central (neurocisticercose).

De um estudante da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais:

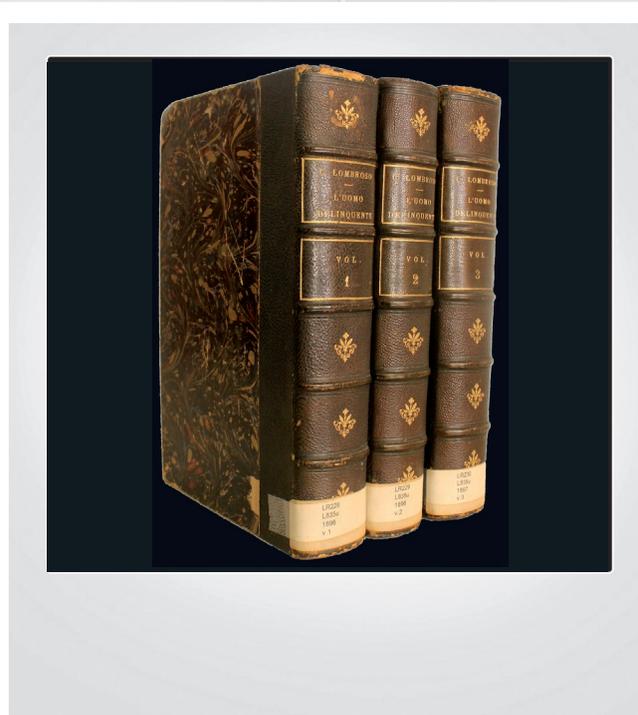
— Minha irmã presenciou um garoto expelindo uma tênia e, perplexa com o flagrante, disse que nunca mais comeria talharim.

(Texto baseado parcialmente em Veronesi e Focaccia. Tratado de Infectologia, Atheneu, 1996 e Rey Parasitologia 3ª Ed. Guanabara Koogan, RJ — 2001).

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

Coluna do livro



L'uomo delinquente

Neste número, a Coluna comenta uma das mais polêmicas obras da criminologia mundial, de modo especial, da psiquiatria forense: *L'uomo delinquente*, de Cesare Lombroso, cuja primeira edição é de 1876, que viria a influenciar profundamente as concepções sobre os criminosos. Seguiram-se

outras quatro edições: 1878, 1884, 1889, 1896, todas pela Fratelli Bocca Editori, Milano. A da APM é a última, dividida em três tomos, com 1.904 páginas, as quais, lidas à distância de mais de cem anos, ainda guardam ensinamentos preciosos.

O tomo I aborda: embriologia do delito (o delito nos organismos inferiores, os equivalentes do delito e das penas nos animais, o medo, a dor física, a educação, a velhice etc.); anatomia patológica e antropológica do delito (capacidade crânica, capacidade cerebral, circunferência cerebral, proporção entre as anomalias, antropometria do esqueleto ósseo, da fisionomia, parte estatística, com estudo de 6.608 delinquentes etc.); biologia e psicologia do delinquente nato (dados físicos, sensibilidade dos órgãos dos sentidos, dados psicológicos, reincidência no crime etc.).

O tomo II: o louco moral e suas características; o delinquente epiléptico e suas características; o delinquente por força irresistível e suas características; o delinquente louco e suas características; o delinquente ocasional e suas características. E o tomo III: a etiologia do delito (influência climática, influência das raças, influência cultural, educação, sexo etc.); profilaxia e terapia do delito (substitutivos penais, meios de prevenir, o papel da religião etc.).

A bem ver, as ideias lombrosianas, desde quando surgiram, se tiveram por um lado aceitação, por outro, estão entre as que sofreram as mais acerbas, variadas e implacáveis críticas. Os franceses as atacaram duramente na ocasião do II Congresso de Antropologia Criminal, realizado em Paris, em 1889. A seguir, foram violentamente hostilizadas pelo padre católico Agostino Gemelli (1878-1959), que publicou, em 1911, a monografia intitulada *Cesare Lombroso: i funerali di un uomo e di una dottrina*. Racismo, falsificação de estatística e invenção de casos clínicos foram algumas das acusações que lhe imputaram. Os críticos são implacáveis quando citam a sua obra.

O livro em comento está na Biblioteca da APM desde o seu período inicial de formação, na década de 1970, garimpado por Duílio Crispim Farina, nos alfarrábios centrais. A encadernação é original, em bom estado.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

Fotógrafo Lambe-Lambe!

Fabio Ferraz do Amaral Ravaglia

Domingo, ao participar de um evento beneficente no parque, fiquei admirado com o número de fotógrafos amadores e circulantes fotografando.

Alguém falava:

— O administrador liberou a fotografia no parque!

Ao encontrar o administrador, perguntei.

— Analisei a lei de cem anos atrás que proibia a fotografia comercial. Tratava-se dos *Fotógrafos Lambe-Lambe*.

Para os mais novos; eram fotógrafos ambulantes comuns no começo do século XX. Eles tiravam as fotos de improviso nos jardins, praças e feiras. Depois, revelavam-nas manualmente e as vendiam.

Lambiam a placa de vidro para saber o lado da emulsão para a revelação, daí o termo “lambe-lambe”.

Tiveram uma grande parcela na popularização da fotografia. Insistiam na sua venda, fotografar.

As máquinas caixote de hoje em dia são os celulares com suas câmeras.

Somos todos fotógrafos. Insistimos em documentar tudo, todos e qualquer coisa. Insistimos, insistimos, insistimos... Poste aqui, poste lá, postei já...

‘Lambe-lambe digital!

Fabio Ferraz do Amaral Ravaglia
Médico Ortopedista

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.